



L B

HARMONIAS ERRANTES

FRANCISCO DE CASTRO

HARMONIAS ERRANTES

COM UMA INTRODUÇÃO

PELO SR.

MACHADO DE ASSIS



RIO DE JANEIRO

Typ. de Moreira, Maximino & C., rua da Quitanda n. 111

1878

T. Machado

A' SANCTA MEMORIA

DE

MINHA MÃE

O. D. C.

INTRODUÇÃO

Meu caro poeta,

Pede-me a mais facil e a mais inutil das tarefas litterarias: apresentar um poeta ao publico. Custa pouco dizer em algumas linhas ou em algumas paginas, de um modo sympathico e benevolo, — porque a benevolencia é necessaria aos talentos sinceros, como o seu, — custa pouco dizer que impressões nos deixaram os primeiros productos de uma vocação juvenil. Mas não é, ao mesmo tempo, uma tarefa inutil? Um livro é um livro; vale o que effectivamente é.

O leitor quer julgal-o por si mesmo ; e, se não acha no escripto que o precede, — ou a autoridade do nome, — ou a perfeição do estylo e a justeza das idéas, — mal se póde furtar a um tal ou qual sentimento de enfado. [O estylo e as idéas dar-lhe-hiam a ler uma boa pagina, — um regalo de sobra ; a autoridade do nome enche-o-hia de orgulho, se a impressão da critica coincidisse com a delle. Supponho ter idéas justas ; mas onde estão as outras duas vantagens ? Seu livro vae ter uma pagina inutil.

Sei que o senhor suppõe o contrario ; illusão de poeta e de moço, filha de uma affeição antes instinctiva que experimentada, e, em todo o caso, recente e generosa ; seu coração de poeta leu talvez, atravez de algumas estrophes que ahi me ficaram no caminho, este amor de poesia, esta fé viva em alguma cousa superior ás nossas labutações sem fructo, primeiro sonho da mocidade e ultima saudade da vida. Leu isso ; comprehendeu que ha idolos que se não quebram e cultos que não morrem, e veio ter commigo, de seu

proprio movimento, cheio daquella candida confiança de sacerdote novo, resoluto e pio. Veio bem e mal; bem para a minha sympathy, mal para o seu interesse; mas, segundo já disse, nem bem nem mal para o publico, deante de quem esta pagina é de mais.

E comtudo, meu caro poeta, é difficil esquivar-se um homem que ama as musas a não falar de um poeta novo, em um tempo que precisa delles, quando ha necessidade de animar todas as vocações, as mais arrojadas e as mais modestas, para que se não quebre a cadeia de nossa poesia nacional.

Creio que o senhor pertence a essa juventude laboriosa e ambiciosa, que hesita entre o ideal de hontem e uma nova aspiração, que busca sinceramente uma fórmula substitutiva da que lhe deixou a geração passada. Nesse tactear, nesse hesitar entre duas cousas, — uma bella, mas porventura fatigada, outra confusa, mas nova, — não ha ainda o que se possa chamar movimento definido. Basta porem que haja talento, boa vontade e disciplina; o movimento se fará

por si, e a poesia brasileira não perderá o verdor nativo, nem desmentirá a tradição que nos deixaram o autor do *Uruguay* e o autor dos *Tymbiras*.

Citei dous mestres; poderia citar mais de um talento original e cedo extinto, afim de lembrar á recente geração, que, qualquer que seja o caminho da nova poesia, convem não perder de vista o que ha essencial e eterno nessa expressão da alma humana. Que a evolução natural das cousas modifique as feições, a parte externa, ninguém jamais o negará; mas ha alguma cousa que liga, atravez dos seculos, Homero e lord Byron, alguma cousa inalteravel, universal e commum, que fala a todos os homens e a todos os tempos. Ninguém o desconhece, de certo, entre as novas vocações; o esforço empregado em achar e aperfeiçoar a fórma, não prejudica, nem poderia alterar a parte substancial da poesia, — ou esta não seria o que é e deve ser.

Venhamos depressa ao seu livro, que o leitor tem ancia de folhear e conhecer. Estou

que se o ler com animo repousado, com vista sympathica e justa, reconhecerá que é um livro de estréa, incerto em partes, com as imperfeições naturaes de uma primeira producção. Não se envergonhe de imperfeições, nem se vexa de as ver apontadas ; agradeça-o antes. A modestia é um merecimento. Poderia lastimar-se se não sentisse em si a força necessaria para emendar os senões inherentes aos trabalhos de primeira mão. Mas será esse o seu caso? Ha nos seus versos uma espontaneidade de bom agouro, uma natural singelleza, que a arte guiará melhor e a acção do tempo aperfeiçoará.

Alguns pedirão á sua poesia maior originalidade ; tambem eu lh'a peço. Este seu primeiro livro não pode dar ainda todos os traços de sua physionomia poetica. A poesia pessoal, cultivada nelle, está, para assim dizer, exhausta ; e d'ahi vem a difficuldade de cantar cousas novas. Ha paginas que não provém della ; e, visto que ahi o seu verso é espontaneo, cuido que deve buscar uma fonte de inspiração fóra de um genero, em

que houve tanto triumpho a par de tanta quédia. Para que a poesia pessoal renasça um dia, é preciso que lhe deem outra roupagem e diferentes cores; é precisa outra evolução litteraria.

O perigo destes prefacios, meu caro poeta, é dizer demais; é occupar maior espaço do que o leitor pode razoavelmente conceder a uma lauda inutil. Eu creio haver dito o bastante para um homem sem autoridade. Viu que não o louvei com excesso, nem o censurei com insistencia: aponto-lhe o melhor dos mestres, o estudo; e a melhor das disciplinas, o trabalho. Estudo, trabalho e talento são a triplice arma com que se conquista o triumpho.

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1878.

Vous, ô mes chants, adieu ! cherchez votre fumée !
Bientôt, sollicitant ma porte refermée,
Vous pleurerez, au sein du bruit,
Ce temps où, cachés sous des voiles,
Vous étiez pareils aux étoiles
Qui ne brillent que pour la nuit.

V. HUGO.

HUGO EM JERSEY

A' hora em que a terra dorme
Em fatal somnambulismo,
Sentindo a attracção enorme
Do mudo olhar de um abysmo ;
Quem atira aos quatro ventos
Os ousados pensamentos
Dos eternos Prometheus ?
E, resombrando a humanidade,
A lyra da tempestade,
Sacóde nas mãos de Deus ?

Quem, nas graníticas plagas,
Pergunta ao mar: — não me vês? „
E o mar lhe conduz as vagas
A irem beijar-lhe os pés?
E's tu, genio; oh peregrino!
Nos hombros pôz-te o destino
O manto da proscricção...
Atado nas penedias,
Da arca das utopias
E's pomba de promessa.

Tens por convivas de exilio
As aguias das solidões...
Quem tenta apagar o brilho
Que espalhas ás multidões?
Quem pôde, brandindo um facho,
Escurecer o pennacho
Sobre a fronte dos cometas?
Da noite no antro escuro,
Levas contigo ao futuro
Pastores, reis e poetas.

.....
.....

Quando a França semi-morta,
Disse aos povos de alem-mar:
— Do desterro pela porta
Eu tambem quero passar! „
Disse-lhe Hugo: — vem commigo,

Terás na historia um abrigo,
Expatriada nação!... „
Para que o futuro a espóse,
Ao templo da apothéose
Leva a França pela mão.

Deste sec'lo nas entranhas
Fermentam mil epopéas,
E Deus nas grandes montanhas
Asyla as grandes idéas!
De Jersey na informe cara
Um raio a pique talhára
De Adamastor as feições;
N'aquelles céus regelados
Correm, monstros estrellados,
— Soberbas constellações.

Ah! d'essa ilha nos cerros,
Como em carcere inclemente,
Quizeram pôr a alma a ferros
Do Titan do continente...
Uma alma, quem ha que a dome?...
Quando lançaram-lhe ao nome
Ondas de trevas a flux,
Foi ao céu, que o vacuo ensombra,
Fez dos atomos de sombra
Enormidades de luz.

Esses heróis constellados
Têm de apost'los a missão;
Penetram — seres alados —
Dos astros na communhão.
Na lucta em que a alma mergulha,
Amanhan — é a obra herculea
Que lhes confia o senhor.
Trabalham, e a gloria os cinge...
Amanhan — splendida esphinge
Do enigma aterrador!

Do genio no verbo ardente
Ruge divino escarcéu,
— Borbotão incandescente
Das profundezas do céu.
Se um povo immenso se aterra,
Quando o vendaval da guerra
Cresta a folha das espadas,
Tyrtéu acena á victoria,
E infunde o sangue da gloria
Nas veias inanimadas.

Hugo, quando o mundo um dia,
Perguntou-te quem tu eras,
— Tu cuja mão sacudia
O eixo azul das espheras;
Disse o mar — fluido gigante :

— E' d'este seculo o atlante,
E' dos sóes o precursor! „
E o pólo, que além se esfuma,
Abrindo a bocca de bruma,
Repetiu-o ao equador.

Na orla dos firmamentos,
Como aureolas sideraes,
Se espalham flammejamentos
D'esses nomes triumphaes.
E a noite acorda espantada,
Como vestal constellada
No claustro da solidão;
Emquanto — pastor estranho —
O vento guia o rebanho
De nuvens pela amplidão.

De um sec'lo nas estreitezas
Não cabe nome tão grande;
O futuro abre as devêzas,
Onde elle o seu vulto expande.
Da idéa ao crucificado
Nenhum laurel é negado;
Nem ha quem seja proscripto
Do porvir, — amplo proscenio!
— Apostolado do genio!
— Sacerdocio do infinito!

E ante Deus que o genio occulta
Na chrysalida dos sóes,
Transfigurado elle avulta
Fallando ás éras d'após.
Nivelando hyerarchias,
De todas as tyrannias
Funde a cadêa feudal;
E sobre os montes eternos,
Espalha aos povos modernos
Nova aurora baptismal.

AS CRENÇAS

Creanças, que sois vós? — auroras, risos, flores;
Eterna primavera, eternos esplendores;
Prazer, aroma, luz, que perfumaes o lar!
Correis, cheias de vida, ardentes, inquietas,
Como um bando feliz de brancas borboletas
Brincando da existencia ao tremulo luar.

O sylpho matinal a sacudir orvalho
Da lorangeira em flor por sobre o verde galho,
Oscula-vos na face e manda-vos sorrir;
Aquecendo com a aza ao sol crystallisada,
A cabeça infantil de sonhos estrellada...
E timido se esvae deixando-vos dormir.

Felizes que sois vós! não conheceis ainda
A serpe que tortura, em agonia infinda,
O coração que pulsa ás vibrações do amor.
Vossa alma é primavera o desdobrar-se em lyrios;
Não trava-vos na bocca o calix dos martyrios;
Não ferem-vos a fronte os espinhos da dôr.

Da esperança sonhaes as doces alvoradas;
Guardaes no vosso seio as notas inspiradas
Dos passaros do céu, e inda correis após
O v'lúvel beija-flor, quebrando o vôo incerto,
Em angulos subtis, dos ares no deserto.
Sonhae, cantæ, brincae: felizes que sois vós!

Creanças, eu vos amo, — estrophes olorosas
Da poesia em flor dos astros e das rosas,
Que mais bellas viçaes ao maternal olhar;
Eu amo-vos assim — travessas, inquietas,
Como um bando feliz de brancas borboletas
Brincando da existencia ao tremulo luar.

TIRADENTES

Quereis saber-lhe a historia? um rev'lucionario,
Eis tudo o que elle foi. N'um marco milliaro
Da estrada do porvir, o nome — só — deixou...
Porem foi um corisco a penna que o traçou:
Assim é que se escreve a lucida epopéa
De quem abriu um sulco e fecundou uma idéa.

Foi grande: é o perfil commum para os heróes;
Cahi... para crescer; — assim cahem os sóes.
Sonhou a redempção; no equileo dos tormentos
Desfez-se o coração em rotos filamentos;

— Foi toda a sua gloria. A laurea perennal,
Quem a dá é o futuro, — o grande tribunal
Que canonisa um nome ou chumba a uma memoria
Uma eterna grilheta — a maldicção da historia.

Inundava-lhe a fronte um duplice esplendor;
Sentiu tranfigurar-se, e teve por Thabor
Um degrau do patib'lo: — alta metamorphóse,
De quem tem no martyrio a propria apothéose!

Na dolorosa via em que elle padeceu,
A estender-lhe a mão não teve um Cyrenêu.
Mas subito parou, frio como o alabastro,
Doirava-se-lhe o craneo a converter-se em astro:
Era o halito de Deus que ungia-lhe o perfil,
A saturar de luz a alma varonil.
Sacudia-lhe o ser estranho magnetismo:
Era a attracção fatal da morte, — o grande abysmo.
Então, dentro de si, sentiu-se serenar,
Como quem vê ao longe o fumo de seu lar
Erguer-se entre os clarões de rubras atmospheras.
As musicas da luz e os cantos das espheras,
Cabindo pelo azul em rapida espiral,
Entravam-lhe no peito em ondas de crystal.
E o sol vibrava a prumo um fulgido estilhaço
Nos rochedos de além como em escudos de aço.

E nesse bracejar do homem para Deus,
Embora a Inquisição condemne os Galileus,
Refervem sob a terra, em fermentar profundo,
Moléculas de um corpo ou átomos de um mundo.

.....
.....

Oh Prometheus da idéa, a vossa inspiração
Não sei se vem do céu, ou vem do coração.

O SYLPHO

O genio da aurora,
Vagando nos ares,
Na flôr que descóra
Talvez de pezares,

Derrama, em segredo,
Seus beijos de orvalho,
A' sombra do galho
De um amplo arvorêdo.

No lindo horisonte
De nevoas tão cêrulas,
Depõe-lhe na fronte
Diadema de pérolas.

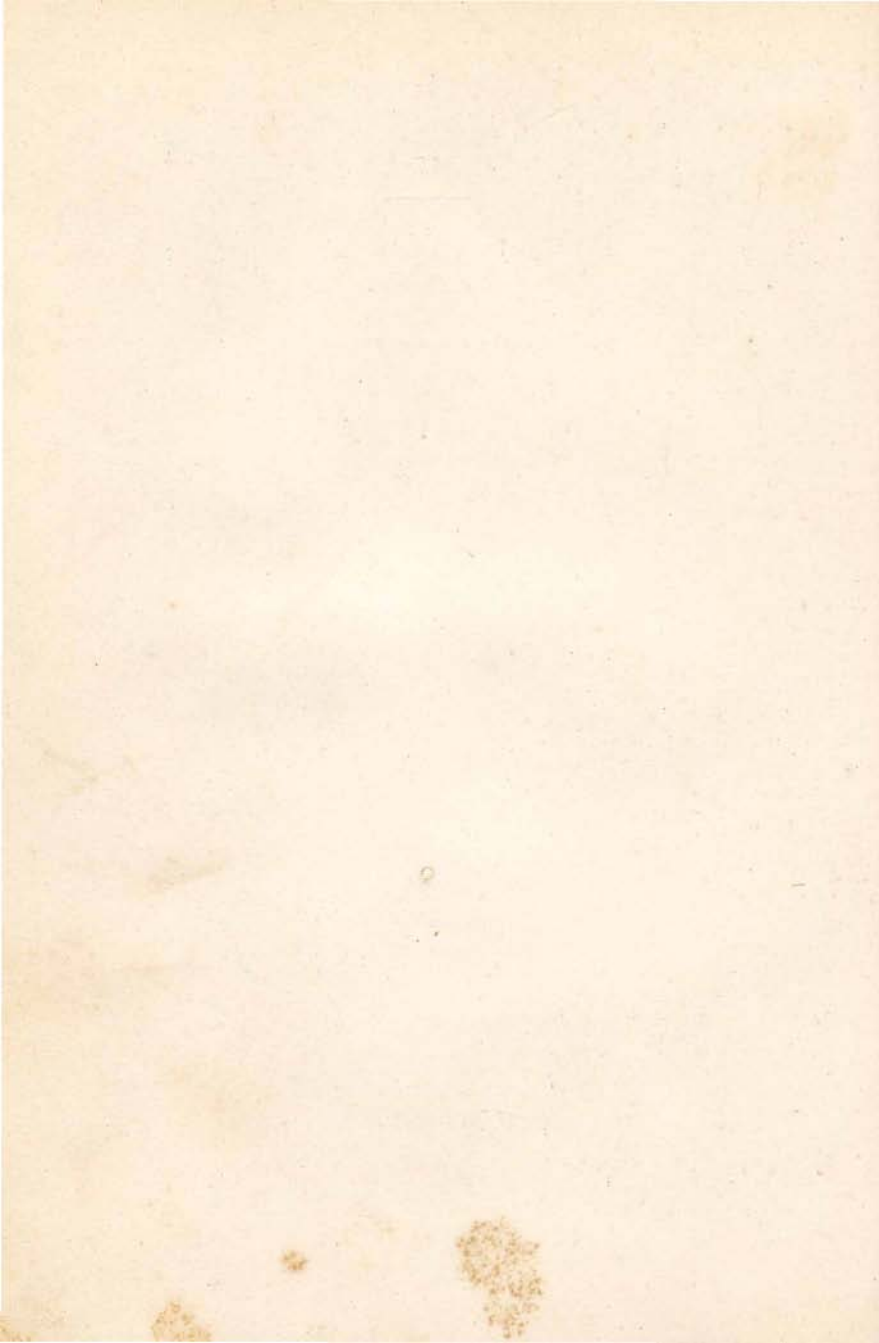
E a flôr tem mais graça,
Mais viço e mais pejo...
O sylpho esvoaça
Na aza de um beijo.

O sylpho é mysterio
Que vive entre as flôres,
Diaphano, ethereo,
Em busca de amores.

Sua aza tão breve
No espaço caminha,
N'um vôo tão leve
Que mal se adivinha.

Não tenham ciumes
Do sylpho inconstante,
Que espalha perfumes,
Subtil, doudejante.

E' o filho risonho
Dos raios solares....
O sylpho é um sonho
Que brinca nos ares.



FLORES DE UM DIA

Oh illusões doiradas,
Oh flores vaporosas,
Oh fadas perfumosas
Das noites encantadas!

Imagens adoradas,
Deixastes-me saudosas ;
Ainda tão viçosas,
Mas já tão desbotadas!

Vós sois os esplendores
Que apagam-se nos visos
Dos ultimos amores :

Crepusc'los indecisos,
Que morrem como flores,
Que passam como risos.

MINHA AMADA

Tu és, oh minha amada,
No éden da pureza,
De morbida belleza
Deslumbradora fada,

A bocca tão rosada,
De um beijo ao fogo accêsa,
Como que a natureza
Talhou n'uma granada.

Na luz dos olhos bellos
Aspiro infindo alento;
Fluctuam-te os cabellos,

Que acolhem meu lamento,
Em madidos novellos
Da phantasia ao vento.

IGNOTA DEA

Oh formosa mulher, franzina, pallida,
Encarnação de um sonho, és a chrysálida
 Que occulta um ideal.
D'este mundo no misero degredo,
De meu destino déste-me, em segredo,
 O condão virginal.

Eu julguei-me feliz por um instante
Ao receber no catre, agonisante,
 A unção de teu olhar!
N'essa idade de enlevos inquieta,
Dos meus lyricos sonhos de poeta
 Vivi só por te amar!

Hauri verdores de teu casto seio;
De creança no tímido receio
Pulsou-me o coração,
Que, arrebatado na aza do delírio,
Erguendo-se do amor foi ao martyrio,
Em mystica elação

Mais tarde, blasphemei do meu passado;
Do calix da amargura envenenado
Traguei o negro fêl...
Remorso, patrimonio de infelizes,
No coração deixaste as cicatrizes
De ulcera cruel!

Ai! foi por ti, mulher, que eu lacerára
Viçosas illusões que tanto amára
De minha vida em flôr!
Mas minha pobre lyra ainda é tua;
Tu és de um anjo a imagem que fluctua
Em meus sonhos de amor.

AMOR DE PAE

O astro da saudade — a lagryma sublime —
Sobre as faces de um pae suprema dôr exprime ;
Em seus labios o riso é da alma a bella aurora
Que banha em luz de amor o filho que elle adora.

.....
.....

Sabeis o que é de um pae o sacrosancto amor ?
Sabeis o que é sorrir para occultar a dôr ?
Sabeis o que é morrer por escutar um ai ?
Sorrir, morrer assim é ter amor de pae.



AVE MARIA

No extase fatal de infindas dôres,
Librada sobre a aza da agonia,
Desce a noite da tarde nos livôres :
Hora sancta da préce — Ave Maria.

Eu adoro-te, oh musa vespertina,
Oh doce mensageira das tristezas !
Pomba do céu que passas peregrina
Da terra pelas lugubres devezas.

A essa hora um concerto de mysterios
Da solidão nos ambitos fluctua:
São os segrêdos ideaes, ethereos,
Desprendidos do azul de um céu sem lua.

E cae a noite, qual burel de um monge,
Pelos hombros do mar, brancos de espuma;
Vão-se as barquinhas esfumando ao longe
A meio occultas na azulada bruma.

Não sei que força magica é que vibra
Nos corações votados ao supplicio,
E que sentem queimar-se fibra e fibra
Sobre a chamma lustral do sacrificio!

Ave Maria! — communhão das notas
Da lagryma e da préce que se fundem
N'uma harmonia só, — quaes duas góttas
Que no calix de um lyrio se confundem!

Ao som de tua intima agonia,
Do Christo pelas palpebras dormentes,
Sobre o livido peito se desfia
Um rosario de perolas candentes.

MUSA CONSOLATRIX

E's fada tentadôra
Nas ancias do delirio;
Nas noites de martyrio
— Visão consoladora.

Quem é que me envenena
O craneo desvairado?...
Eu choro: o desgraçado
De si mesmo tem pena.

Do meu procusteo leito
Nas lentas agonias,
Em horas tão sombrias,
Apertas-me a teu peito.

Imagem viva e pura
Do meu passado louco,
De mim desvia um pouco
O calix d'amargura!

Levando a dôr ao cumulo,
Vieste ao universo
Sorrir sobre meu berço,
Chorar sobre meu tumulo.

Quando eu achei-me triste
Com a minha triste sina,
Oh musa peregrina,
Chamei-te, e tu me ouviste.

E's fada tentadora
Nas ancias do delirio...
E's musa do martyrio,
Visão consoladora!

SEMPRE ELLA

E' ella ; é sempre ella,
Na minha erma paragem,
A tentadora imagem
Que solitaria véla.

O olhar seu me revela
Esplendida miragem ;
Da magua na voragem
Eu caio, se perdel-a.

Na minha dôr infinda
Que em ais ao céu se exhala,
Oh! vejo-a sempre linda.

Meu coração estala!
Porem eu quero ainda,
Viver para adoral-a!

LA ROSE ET L'AMOUR

L'amour est comme la rose
Qui sur sa tige est éclosé
Par la rosée du matin ;
C'est un nuage ou un rêve
Qui s'évapore et s'élève,
Comme un baiser sur ton sein.

Mais, ah! ce baiser s'efface,
Et les ombres de l'espace
Seront, qui sait, son tombeau!...
Et l'amour va solitaire
Se cacher dans le mystère,
Qui est sa tombe et son berceau.

Pour cela, dans mon délire,
Quand mon cœur vibre ma lyre,
Toujours sans écho, toujours ;
Pardonne que je dépose
Sur le sein de cette rose
Le secret de mon amour.

Paris, 1874.

MEU ANJO

A graça aformoseia
Teus risos purpurinos;
Aos beijos matutinos
Tua alma se afogueia.

Teu craneo é a colmeia
Dos ideaes divinos:
Só tu fazes que eu creia
Nos anjos peregrinos.

Tu vives dos amores,
Dos sonhos e das flôres,
— Por Deus illuminada —

Na sancta primavera:
E's anjo de uma esphera
Tres vezes constellada.

E' TARDE

Mulher linda, poetica,
Se não és anjo— ignoro;
Por isso é que te adoro
Com devoção ascetica.

E choro a angustia sceptica
De mortos sonhos d'ouro:
E' de um eterno choro
A lagryma prophetica

Eu amo-te! Oh loucura!
Da morte o atroz grilhão
Me prende á sepultura.

No peito que é vulcão,
Ignota voz murmura:
E' tarde, coração!

O ENGEITADO

A pagina sem luz do livro da miseria
Na qual a mão de Deus a maldicção gravou,
E' uma sombra enorme ou lápida funerea
Que esmaga ao infeliz que a mãe repudiou.

Forasteiro no berço, ainda creancinha,
De seu peito o vagido é um profundo ai...
A mão tres vezes sancta — aquella que o acarinha —
E' a mão do bemfeitor que diz-lhe: — eu sou seu pae.”

A pobre da creança, em seu viver sombrio,
Terá, quando ancião, por companheira a dôr...
Os dous pólos da vida os prende immenso fio
De lagrymas de sangue e não prantos de amor.

O mundo é um deserto; á beira do caminho
A voz da maldicção ao infeliz conduz;
E elle, como uma ave em busca de seu ninho,
Vae encontrar o abrigo em baixo de uma cruz.

O mundo não se dóe do misero engeitado
Que o sancto amor de mãe não soube o que é sentir...
O orvalho do martyrio inunda-lhe o passado;
A nuvem do infortunio ensombra-lhe o porvir.

UMA SOMBRA

Em ti é que eu penso nas noites de insomnia,
No ardor da vigilia, sosinho a chorar,
Escuto teu nome que triste divaga
 Nas queixas da vaga,
 Nas vozes do ar.

Então, nessas horas de febre e delirio,
A' luz das estrellas de mago fulgor,
Na esqualida mente saudades se inflamam,
 E as brizas derramam
 Segredos de amor.

A lua, qual tremula ondina escondida
Nos densos vapores do lago do céu,
E' a musa adorada de minha agonia,
 Que dorme sombria
 Da noite no véu.

Porque te não vejo sorrindo a meu lado,
Mulher ou archanjo, que em extase eu vi?...
Porem nossas almas de longe se abraçam
 E as brizas que passam
 Me fallam de ti.

Minh'alma é a bussola errante nos mares,
A' furia dos ventos de incerta paixão ;
Tua alma é o pólo que a bussola domina :
 Arrasta e fascina
 Com viva attracção.

Por isso eu te busco... mas foges-me sempre,
Imagem aérea na qual se não crê !
Mais fria que um beijo n'um labio de estatua,
 Tu és chamma fátua
 Que ao longe se vê.

CONFISSÃO

Eu nunca tinha amado. Um dia uma visão,
Artístico ideal que a imaginação
Faz levantar do pó p'ra sepultar n'um sonho,
Terrível muita vez, e muita vez risonho,
Eu vi passar além; e, quando a procurei,
Apenas uma sombra em sonhos encontrei.
Então, talvez amasse...Eu era inda creança,
Contemplando um painel de magica esperança
No céu do meu futuro! Agora amo demais...
Amor condenado ao som de longos ais!

E sabes qual a sombra após a qual eu corro?
E sabes a quem amo? e sabes por que morro?
Eu amo essa visão que fez-me enlouquecer:
Tu eras a visão; eu amo-te, mulher!

O MISSIONARIO

Quem é aquelle vulto exausto e quasi morto,
Qual naufrago sem tino a procurar um porto?
Que corre solitario os vastos areiaes
Mandando aos pés de Deus uns prolongados ais?
Que abysma-se no amor do martyr do Calvario
E faz do peito seu da crença o sanctuario?
Quem é? — o Missionario — o apostolo da cruz!
Vede-o: a grandeza da alma em seu olhar transluz...
Naquelle fronte pesa o anathema solemne
Que o mundo lhe atirou em um rancor infrene.

Que importa-lhe, porem, do mundo esse rancor,
Se elle tem sobre si a bençam do Senhor ?
Que importa-lhe que o mundo o seu martyrio esqueça,
Se do martyrio a laurea enrama-lhe a cabeça ?

Penetra na floresta, e della um templo faz,
Para plantar ahi o symbolo da paz.
Percorre, sem temer, um labyrintho escuro
Por onde vae bater ás portas do futuro.
O mundo é densa treva, enorme escuridão ;
Mas elle já vê perto o alvor da redempção.
Na mão leva uma cruz — estrella resplendente,
Que das névoas do pólo á luz do oriente
Estende o brilho seu, e para mais brilhar
Converte o universo em sacrosancto altar.

No immenso do deserto, a sós com a natureza,
Vagando pela terra, a alma no céu prêsa,
Qual apjo do martyrio a derramar a fé,
Em sobrehumano affan, na solidão até,
Escuta a voz de Deus e cobra mais coragem
Para levar ao cabo a tetrica romagem.

Porem, com Moysés, só pôde lobrigar
A Chanaan da fê sem lá poder entrar,
Porque, quando esgotou a taça do martyrio,
A alma assoberbada em mystico delirio

Deixou a terra ingrata e para o céu voou,
Qual atomo de Deus que para Deus voltou.

Como é nobre morrer como morreu Lisardi!
Quando no peito a fé mais viva e pura arde!
O ronco do pampeiro é o dobre funeral,
E de uma estrada o sulco — a valla sepulchral.

JUNCTO DE UMA CREAÇÃO

Tão meiga tão pura,
Edénea criação,
Tu és como a pomba
Feliz da aliança

A luz te fascina
Qual sonho doirado,
Bem como ás calhandras
Espelho encantado.

São tão diferentes
As nossas edades ;
Tu sonhas venturas,
Eu nutro saudades.

Teus sonhos não guardam
Martyrios nem penas :
São nuvens douradas
De loiras phalenas.

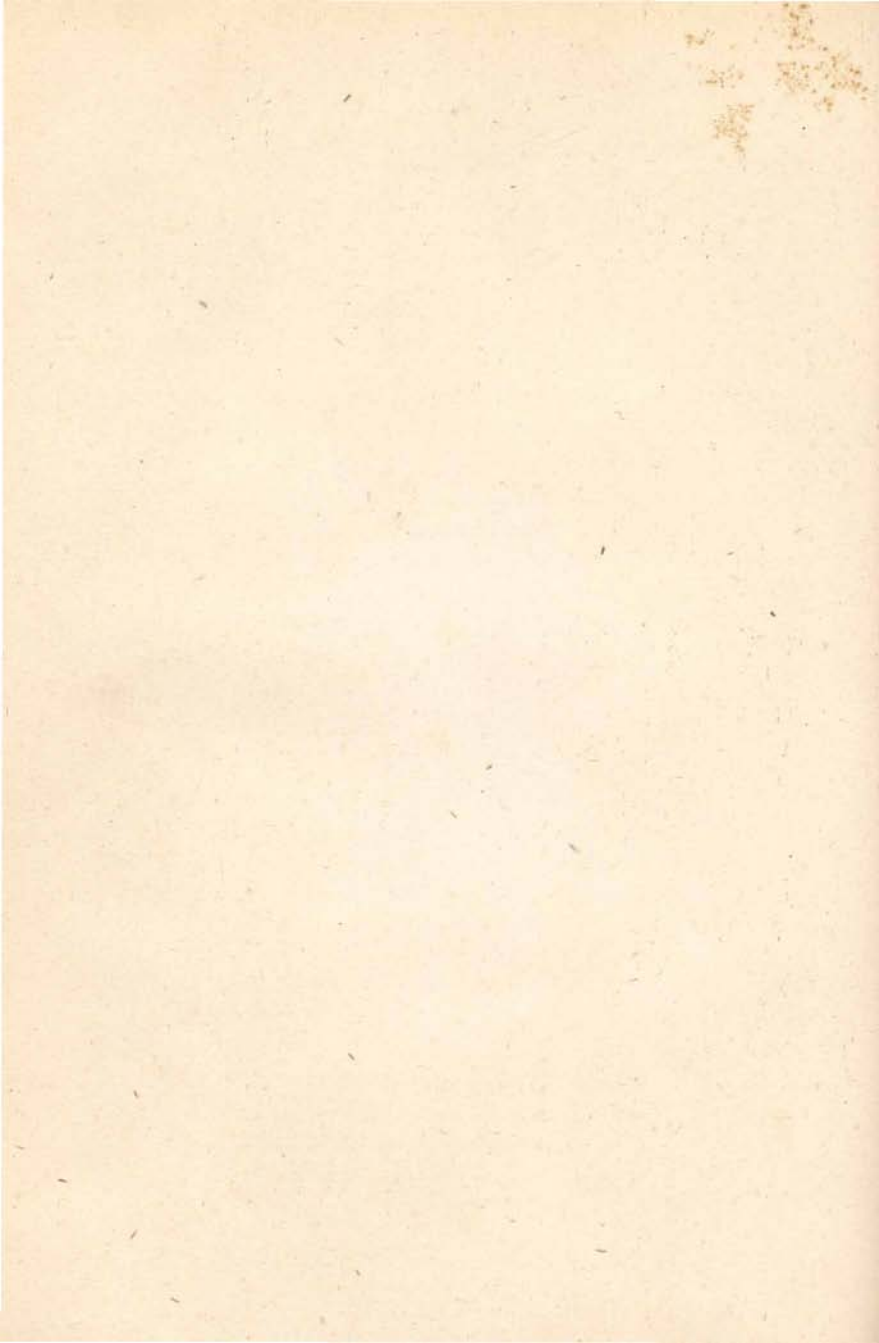
Semelha-te a vida,
Nos lindos albores,
Idyllio de graças,
Poema de flores.

Não venhas, creança,
Brincar a meu lado ;
A mim não te chegues
Que sou desgraçado.

Creança não venhas
Ouvir meu lamento ;
— Estrella, não desças
Do teu firmamento.

Tu trazes o seio
Banhado de amores,
E a fronte enfeitada
De candidas flôres.

Oh ! deixa-me, anjinho,
Chorar minha sorte ;
Não lembres-me a vida,
Que eu penso na morte.



NO ERMO

Alma que corres pelas êrmas plagas
Sem ter um astro que te aponte o nôrte,
— Barca perdida sobre o mar da vida,
Desfralda o panno á viração da morte!
Pomba erradia que perdeste o ninho,
As pandas azas sacudindo ao ar,
Libra teu vôo pelo azul do espaço,
Vae tuas pennas no arrebol doirar !

Astro cadente que conduz a barca
Que vae do berço naufragar 'na cova,
— Oh morte ! oh morte ! porque vens tão tarde
Mostrar-me a aurora de uma vida nova ?

Leva-me ! leva-me em teus raios tremulos !
A vida é nota que subtil se esvae
Como do peito se desata e foge
A doce estrophe que soluça um ai.

Abre-me o seio, solidão amiga,
Dos meus segredos precioso cofre,
Ninho bemdicto de quem perde o berço,
Asylo sancto de quem muito soffre !
Irman da morte, no teu labio mudo
Dorme o mysterio de uma voz, talvez...
Sómente o louco, no sonhar da febre,
E' quem entende-lhe a fatal mudez.

Por isso eu quero de teus braços frios,
— Rosca terrivel de cruel serpente, —
Sentir o amplexo triturar-me o peito
Que se atrophia porque já não sente.
Emquanto a noite scismadora dorme,
Ao desabrigo dos tufões do céu,
Como um phantasma coroadado d'astros,
Envolto em sombras de azulado véu.

E quando a aurora desdobrar as faixas,
As lindas faixas de doirada opala,
Talvez nem mais a vibração se escute
Da ultima nota que do peito estála...

Então, oh brizas que passaes voando
Por esses êrmos em que eu já chorei,
Varrei a terra que bebeu meu pranto !
Trazei-me o nome da mulher que amei !

CONFIDENCIA

Amigo, a minha vida é nebulosa immensa ;
Não ha raio do sol que possa atravessal-a...
O brilho de uma estrella — a luz de minha crença —
Apenas por sobre ella inclina-se e resvala.

Mas inda sou feliz, porque quando se abraza
O coração no peito e quer uma harmonia,
Um anjo rompe a bruma e com a ponta da aza
A fronte me incendeia: o anjo é a poesia.

EPITAPHIO

Anjinho de azas de neve
Que desertára dos céus,
Sentiu saudades, e em breve
Voou aos braços de Deus.

LONGE

Oh ! quando eu não mais vi-a,
Maldisse a minha sorte,
E blasphemei do norte
Que a mim me conduzia...

E hoje a agonia
Que punge-me é tão forte,
Que invejo a dôr da morte
Que o coração esfria.

No abysmo de um arcano
Procuo embalde vêl-a;
Bem como o nauta — insano —

Na vasca da procella,
Busca sobre o oceano
O escudo de uma estrella.

APPARIÇÃO

Se vejo-te enlevada
N'um fluido de harmonia,
Entreabre a phantasia
A petala doirada.

Tu és visão sagrada
No lar da poesia,
De celica magia
A fronte illuminada.

Reveste-te a pureza
De um raio de beleza,
E um raio de languor.

Fresco como os lilazes,
Teu seio é o oásis
Em que respira o amor.

LEMBRANDO-ME DE TI

Era ao cahir da noite; á hora em que a saudade
Aperta o coração, e, em longa anciedade,
A mente — náu perdida — em alto mar divaga,
Entre o gemer da brisa e o soluçar da vaga.

E eu estava só... Sentia aos meus ouvidos
Um multiplo tropel de tetricos gemidos ;
Queixumes de quem ama, adeuses de quem morre,
Emquanto após a flôr a borboleta corre.

Dormia a solidão — a muda companheira —
Em cujo seio eu quero a estrophe derradeira
Do meu peito exhalar, qual ultima harmonia
Em vaporosos ais... No calix da agonia,
Encontra-se tambem o balsamo divino
Em que sorve a esperança exausto peregrino

E eu triste scismava, e via-te a meu lado
Qual anjo protector que ampara o desgraçado.
Mas era uma illusão, — phantasma tão risonho
Que vive como a flôr, e morre como o sonho!

A' luz dos olhos teus preendi o meu futuro,
— O mystico painel de um ideal tão puro!
E vivo hoje a chorar, bem como quem procura
Salvar o coração na paz da sepultura,
— A aza maternal que ao infeliz aquece.

O nome teu será a minha ultima préce...
Lembrando-me de ti, ai quão feliz morrera...
O cysne canta e morre em plena primavera.

E a nota que concentra — aerea e dolorida —
Das noites o mysterio e o brilho das auroras,
Desata élo por élo á cadeia da vida,
Como um roto collar de lagrymas sonóras.

LACRIMÆ RERUM

Oh noite, quando passas,
Em tuas sombras mudas,
Espalhas mil desgraças:
Mil bronchites agudas.

E's a visão suprema
Do ideal platonico ;
Oh noite, és o poema
Do rheumatismo chronico !

Lua, — que és dos espaços
A immortal cigana,
Estende-nos teus braços,
Dá-nos uma tisana ;

Embora doce ou agre,
Que seja de efficacia :
— Benefico milagre
Da sideral pharmacia.

Da coqueluche incommoda
Para o infernal achaque,
Em tua tenda nomada
Não tens talvez cognac ?

Por teu fulgor macio
Que em raios se constella,
Manda-nos para o frio
Dez metros de flanela

Desgraça ! ter-se a mente
Qual incendiado archóte,
E tiritar a gente
A' mingua de um capóte !

AMARGURAS

Sobre o mar agitado dos tormentos
Um dia eu me perdi,
E embalde perguntei aos quatro ventos :
— Porque foi que nasci ?

Desamparou-me a ultima esperança
Que o meu peito nutriu,
— Phantastica miragem de bonança
Brilhou e se esvaiu.

Minha infância passou qual de uma aurora
O fugitivo espaço;
Já não sinto a seu seio unir-me agora
De minha mãe o abraço.

Meu peito é como um templo abandonado,
Já quasi a desabar;
A imagem saudosa do passado
Habita o ermo altar.

A saudade é o anjo das tristezas
Que me acompanha a mim.
Opprimem-me pungentes incertezas,
— Pesadêlo sem fim!...

Oh! eu invejo a ave que se esconde
No espesso laranjal:
Ao gemido do mar ella responde
Com o canto matinal!

E á hora fatal de ave-maria,
Quando adormece a flôr,
Ella solta uma casta melodia
De limpido frescor.

Dos meus candidos sonhos innocentes
 Bem cedo despertei ;
E o tributo de lagrymas ardentes
 Ao martyrio paguei.

UBIRAJÁRA

Nunca vistes as palmeiras
Tremendo, ao pendôr do dia,
— Sussurrantes cabelleiras
Que sacóde a ventania ?
E o velho coqueiro enorme
Quando nas ramas lhe dorme
O genio dos 'furacões ?...
Quando, do mar aos apupos,
Os ventos formam mil grupos
Das nuvens nas solidões ?

Vistes, ao cedro guerreiro,
Hirto, immovel, taciturno,
Vir enroscar-se o pampeiro
No pugilato nocturno?
Na furia dos elementos,
Luctou com todos os ventos,
Ninguem o viu fraquejar;
E, quando fendido em lascas,
Da propria morte nas vascas
E' forte como o jaguar!

Da floresta entre os rumores,
O raio um tronco derruba,
Cahem por terra os condores,
Estortéga a suc'ruiuba.
Arde alem uma fogueira,
Na raiz da cordilheira
Mostrando um vulto de pé:
De si para si resmunga
Emquanto *tupá-cinunga*
Lhe vem bramir ao sopé,

Destemido, forte, moço,
Pende-lhe ao lado o tacape;
Traz um collar no pescoço,
Na cintura o enduape.
Guerreiro nunca vencido,

Em seu orgulho — atrevido,
Não acha por quem se troque,
Não acha com quem se eguale,
Quer no monte, quer no valle,
Desde o Prata ao Oyapock.

Frente a frente ao inimigo,
Quando restruge o boré,
Assoberbando o perigo,
Haveis de vel-o de pé!
De cada lucta na historia,
Cinzela mais uma gloria
No seu brazão marcial;
E crê-se, em sua façanha,
Antes lasca de montanha
Que contingente mortal

Do mar nas quentes areias,
Fita o longinquo arrebol;
No sangue de suas veias
Circula um raio de sol.
Mede a curva aos horisontes,
Abate todas as fronte
Da cobardia no pó,
E pensa, da alma no fundo,
Que, na conquista do mundo,
Ninguem mais — basta elle só !

Da taba para o resgate,
Vôa ligeira a taquára...
Mas a palma do combate,
Quem a tem é Ubirajára.
Travada a lucta, — convulso,
Peito a peito, pulso a pulso,
A gloria dá-lhe o florão!
Não ha quem lhe resistisse
Que — cadaver — não cahisse
Chumbado no pó do chão!

Se, por sobre a penedia,
Ruge a cratera do céu,
Quando tosse a ventania
Na garganta do escarcéu;
Entre as roscas da procella,
Quando a vaga se atropella
Sobre o arido alcantil,
Sempre a indomavel bravura,
Como uma chamma, fulgura
No seu moreno perfil.

Nada conturba-lhe a calma,
Nem lhe desmente o valor;
Elevam-se á tona da alma
Seus brios de vencedor.
Elle que affronta as desgraças,

Que vence todas as raças
No lustre de seus braços ;
Confirma a heroica nobreza,
Muito embora a natureza
Rebrame em negros bulcões.

Se um dia a morte a seu lado
Vindo feril-o á traição,
Deixar de cinza um punhado
Onde fôra o coração ;
Hão de os guerreiros nos lares
Erguidos entre os palmares,
No seu valor meditar ;
E dizer, na alma pungidos,
Pela mesma dôr feridos :
— “ Nós havemol-o imitar! ”

TEU NOME

Teu nome é a confiança
De um labio feiticeiro...
E' o halito primeiro
De divinal essencia.

Orvalho de clemencia,
No lugubre roteiro,
Que segue o forasteiro
Nas selvas da existencia.

Teu nome é o som que vibra
Na mais sagrada fibra
De um ermo coração ;

Seraphico, poetico,
Tem o perfume ascetico
De languida oração.

OS ABANDONADOS

Oh mães, que o vosso seio
Negastes — inclemente —
Ao pequenino ente
Que tinha-o por esteio,

Dizei se não vos veio
A embater na mente,
A sombra persistente
De um intimo receio!...

Do pobre abandonado,
Que em faixas de engeitado
Vestiu eterno luto,

Senhor! condóe-te agora!
Maldize a flôr, embora,
Mas abençoa o fructo.

A CASTRO ALVES

*The flash of Wit—the bright Intelligence,
The beam of Song—the blaze of Eloquence,
Set with their Sun—but still have left behind
The enduring produce of immortal mind.*

BYRON.

Era um genio, e morreu inda creança,
Affagando talvez uma esperança,
— Utopia de um sonho matinal ;
Alma lançada ao turbilhão dos ventos,
Fitára, á luz do grandes pensamentos,
O pólo do ideal.

Era um genio ; nasceu predestinado.
Curvára a fronte — sonhador ousado —
A' sombra do fatidico laurel ;
Qual de columna colossal, marmorea,
Ao peso immenso dos florões da gloria,
Se curva o capitel.

De desalento n'uma hora inquieta,
Arrancára a corôa do poeta,
E ia as folhas lançar ao pó do chão...
Mas o assombro deteve-o como morto...
Depois sorriu-se, pensativo, absorto :
— Tinha estrellas na mão !

Nossas florestas lhe atiraram flôres !
Recebeu a visita dos condores
No amphitheatro dos rochedos nús...
Respirando do céu as primaveras,
Sentiu n'alma, ao contacto das espheras,
A infiltração da luz.

Nas mãos de Deus su'alma estava prêsa,
Engastada no annél da natureza,
— Grilhão de ouro que acorrenta o sol...
No entanto, d'essa vida cometaria,
Coava-se a molecula precaria
Do tum'lo no crysol.

Poeta, muito amor elle sonhava,
Quando do peito a estrophe borbotava
Rutilante do brilho das manhans...
Cingiu a fronte de laureis eternos,
Filho da raça dos Tyrtêus modernos
— Familia de Titans !

AO INSTITUTO DOS ACADEMICOS

DA CÔRTE

Aqui falla o exemplo,
Labio sempre fecundo.
Abriu-se um novo templo
Ao sol do novo mundo.

Ouvis a voz do seculo
Que brada-vos — seguir?
Ide, legionarios,
Conquistar o porvir.

Grandes estatuarios
Que os Andes eventraes,
Para esboçar da gloria
Os bustos colossaes,

Sois como do Evangelho
O bom semeador ;
Não maldigaes a mésse :
O fructo após a flor.

Hosannas ao trabalho
Cantaes em vosso affan...
Obreiros sois de hoje,
Apost'los de amanha.

O cerebro é uma força,
O braço uma alavanca :
Away! quem é que o livro
Das vossas mãos arranca ?

No cedro da sciencia
Talhae a vossa cruz :
Vontades — sois de bronze !
Talentos — sois de luz !

A ORPHAN

Orphanzinha que perdeste
De tua mãe os carinhos,
Como flor que nasce e cresce
Desgarrada nos caminhos,

Na primavera da vida,
Sem o orvalho materno,
A tua alma converteu-se
Em uma noite de inverno.

Mas se a noite é o poema
Das estrellas e das sombras,
Tu és a nuvem opáca
Que o céu do destino ensombras.

Em teu céu, pobre creança,
Nem mesmo uma estrella brilha;
Não tens no peito um affecto:
Não sabes o que é ser filha.

Teu coração é esteril,
— Flor que o aroma perdeu,
E que pede ao céu o orvalho
Que a tempestade varreu.

Entre os espinhos da vida,
Sem ter mãe, sem ter amor,
Quem prediz o teu futuro,
— Pannel sombrio da dôr?...

Quando levantas os olhos
Para o céu e o vês tão lindo,
Ai! quanto estrellado sonho
Não vês tu passar sorrindo?

Mas o céu, p'ra quem recebe
Da desventura o baptismo,
Não tem luz nos seus mysterios,
E' mais negro que um abysmo!

Ai ! as estrellas semelham-te,
Na mudez de sua luz,
Gottas de sangue que escorrem
Dos cravos de tua cruz!

PRIMAVERAS

O campo já verdeja em plena primavera ;
Arqueia o firmamento a cupola severa,
Na cincta do horisonte acorrentando o mar.
Um fremito ideal agita os arvoredos ;
Gemem sombriamente as cordas dos rochedos,
E a noite envolve a terra em faixas de luar.

Roçando do poente ás laminas de ferro,
Culmina no infinito o solitario cerro,
De brumas vesperaes envolto no albornoiz ;
Tem sêde a terra, e pede orvalho ao firmamento,
— Aberto escriptorio azul, de joias opulento,
No qual Deus enthezoura as lagrymas dos sóes.

Com tintas ídeaes de magicas palhetas,
Matisa a phantasia os sonhos dos poetas,
Correndo volitante em aureo turbilhão ;
A natureza dorme ao cantico das aves,
Cadenciado, talvez, em notas tão suaves
De um Éden musical na grande affinação.

Quando, sorrindo á terra, a loira estrella brilha,
Dos sonhos confidente, ignota maravilha —
E' doce confiar-lhe os doloridos ais :
A alma se dilata em tal incandescencia,
Que desprende de si mais perfumosa essencia
Que, os lyrios do Levante e as rosas tropicaes.

Aos ares sólto então meus loucos pensamentos,
Que unidos n'um concerto á voz dos quatro ventos,
Fazem pela amplidã oorgiaco festim...
No manto da campina, immenso e vicejante,
Deixando scintillar o pó de diamante,
Sacóde a borboleta as azas de setim.

Começam a zumbir nas sombras recatadas,
Os nossos corações, — abelhas inspiradas
A elaborar o mël do universal amor.
A voz da criação é uma em toda a parte,
Caminha em vario som, sem convenções da arte,
Do labio da creança ao calice da flôr.

Mas n'esse ardente affan de amar soffregamente,
Um vulto de mulher se nos desenha á mente,
E em pouco nos estende a salvadora mão...
Ha sempre um anjo bom que a todos apparece
A aza que ao subir ao céu conduz a prêce,
E' a mesma que ao descer espalha a redempção.

Feliz de quem respira a dupla primavera,
Que os páramos inflora e as almas retempéra
Com a seiva de luz de célicas paixões :
Aquella é a grande urna a transvasar verdores ;
Esta — a sancta estação de idyllicos amores
Que aclara da existencia as longas solidões.

A OFFICINA

Quem é que não conhece aquelle templo,
Que me extasia a mim quando o contemplo,
E beijo-lhe o altar ?
— Officina sagrada do trabalho,
Onde range o buril e tine o malho,
Do dia ao clarear ?

O operario alli é grande é nobre..
Nada importa que seja humilde e pobre
O berço em que nasceu.
O berço nada val... Que val o ninho
A' ave que no ar abre caminho,
Alçando o vôo ao céu ?

O trabalho ennobrece: a elle o povo
Erige cada dia um templo novo,
Em sublimado affan;
Como rei do progresso vão saudal-o
Os canticos do mar, e festejal-o
Os hymnos da manhan.

A biblia do trabalho é o livro sancto
Que ao pobre do operario enchuga o pranto,
Banhando-o em sua luz...
E de martyr que elle era heroe se torna:
Sobre o altar do martyrio Deus entorna
Os reflexos da cruz.

O progresso é uma força que não pára;
Está no alto mar, está no Sáhara,
Em toda a parte está:
Gravitando com os céus, vña com os ventos,
E, dilatando a esphera aos pensamentos,
A luz tambem lhes dá.

O verbo do trabalho brilha escripto
Sobre os troços de bronze e de granito
Que o tempo não desfaz.
A officina é um templo; o operario
E' o levita que guarda o sanctuario
Do progresso e da paz.

MORRER DE SAUDADES

Tu nunca sentiste
Febris anciedades:
Viver de esperanças,
Morrer de saudades.

A dôr é o astro
Que eu vejo, que eu fito,
E o ermo calado,
Meu lar de proscripto.

A' noite, nas horas
Dos sonhos edeneos,
Tambem quando vagam
Das sombras os genios ;

E's tu que me alentas,
E's tu que me abrasas,
— Visão que desceste
De um anjo nas azas.

Chorando commigo
Meu agro tormento,
Perfumas de encantos
O meu pensamento.

Commigo convives
Nas minhas tristesas,
Errando das scismas
Por entre as devesas.

Se tento agarrar-te
Nas candidas vestes,
Esvaes-te, deixando-me
Aromas celestes.

Derramas de affagos
Infundo thesouro,
Qual magico philtro
Dos sonhos de ouro.

Tu és do deserto
Divina miragem,
Ermando perdida
Da dôr na voragem.

Teu brilho deslumbra,
Refulgido, ethéreo,
Rasgando a cortina
De escuro mysterio ;

E mostra-me o barathro
Horriavel, desfeito,
Que vem entreabrir-se
No fundo do peito.

Eu choro e bemdigo
Teu rastro piedoso,
Impresso em meu triste
Viver desvairoso.

Ah! longe dos mundos
De ignota magia,
Crucia-me e mata-me
Atroz nostalgia!

Ha muito supplicio
Cercado de flores :
Morrer de saudades,
Vivendo de amores!

AO PÉ DO BERÇO

Deus perfuma-te a face com um beijo,
E em sonhos te apparece,
Quando, ao calor de uma aza que não vejo,
O coração te aquece.

A's vezes, quando dormes, eu me inclino
Sobre teu berço e busco do destino
Ler a pagina em flôr que n'elle existe;
De tua fronte sancta e curiosa
Docemente approximo, temerosa,
A minha fronte pensativa e triste.

Como um raio de luz do paraíso,
Teu labio esmalta virginal sorriso...
Ao vêr-te assim, extático me alegre.
Bebo em teu seio o halito das flores,
Oasis no deserto dos amores,
Página branca de meu livro negro!

TON REGARD

N'as-tu pas vu l'hirondelle
Reposer sur le gazon,
Et ensuite ouvrir son aile
Et se perdre à l'horizon ?

N'as-tu pas vu la vaine ombre,
Qui bientôt est épanouie,
Gravir la montagne sombre
Qui dans un instant l'oublie ?

Comme l'ombre qui s'envole
Demandant de la clarté,
Et l'hirondelle qui vole
Dévoilant l'immensité,

Mon âme, toujours errante
Dans le désert du hasard,
A trouvé l'aube éclatante,
— Le bonheur — dans ton regard.

La vie, cette route immense,
Je la parcours sans frayeur :
Ton regard est l'espérance,
Et le flambeau de mon cœur!

Le matin, quand tu te lèves
Amoureuse tous les jours,
Tu dis : " adieux, ô mes rêves!
Reveilleiz-vous, mes amours!"

Sais-tu ce qui me conforte ?
C'est ton regard velouté ;
Et dans mon cœur je le porte
Comme un rêve sculpturé.

AMEI-TE!

Amei-te ! oh longo martyrio!
Oh funesta insensatez !
Após a febre da insomniã
Achei da campa a friez.

Foi na loucura de um extase
De voluptia oriental,
Que julguei-te, casta e languida,
O meu sonho divinal.

Enganei-me, e então em lagrymas,
Na mudez das afflicções,
Desataram-se as chrysalidas
De tão loiras illusões!

Pensei que no peito ardia-te
O fogo de uma paixão,
Mas era peito de estátua
Onde não ha coração.

O CEMITERIO

Eu fui ao cemiterio quando a noite
Vinha descendo a rampa do horisonte,
Qual aza immensa de celeste corvo
Velando a face do sinistro monte.

E os zephyros da morte alli passavam
Na correria de um tropél aereo;
São elles os arautos invisiveis
Das mensagens do pranto e do mysterio.

E' a sepultura hospitaleira eterna
Ao peregrino que lhe bate á porta,
Cuja entrada em triumpho ella celebra
Nas bronzeas cordas de uma lyra morta.

O cemiterio é vasto ancoradouro,
São os esquifes solitarias náus...
Da eternidade ás infinitas praias
Promiscuamente aportam bons e máus.

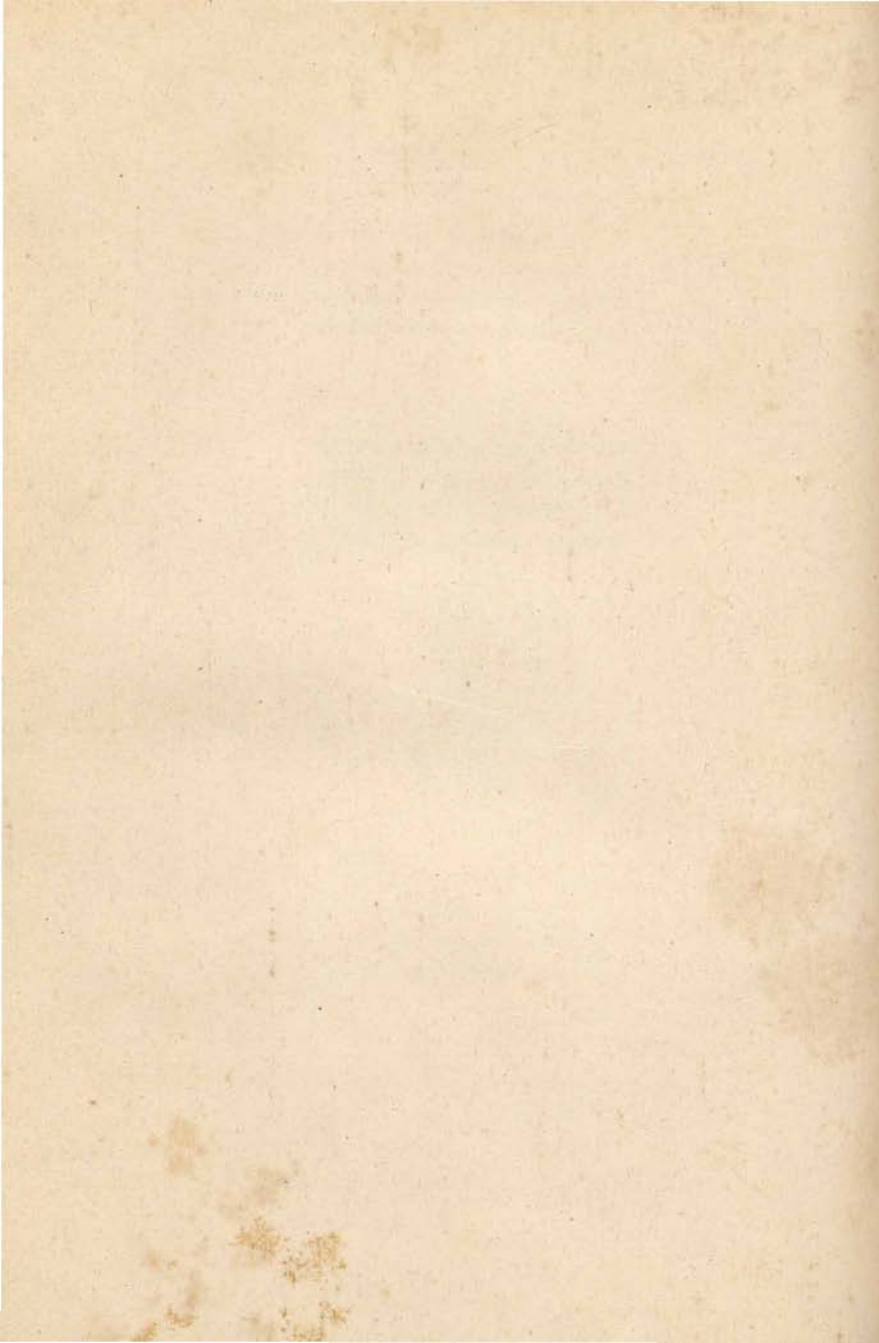
Ai! quem pôde dizer quanta agonia
A' triste sombra dos cyprestes medra!
Quanta lagryma quente se resfia
Gottejando nas laminas de pedra!

Dorme-se aqui sombriamente immerso
Do mysterio no fundo pesadêlo;
Os corações succumbem sob o pezo
De camadas sem fim de eterno gelo.

Por estes campos que o crepusclo ensombra
Não verte o sol a luz de seus fulgôres:
Nas paragens da morte a primavera
E' tetrica estação, sem luz, sem flôres.

E' por sob essas arvores tristonhas,
Em cuja rama a ventania chóra,
Que ao viandante que tombou na estrada
A noite traga e a solidão devóra.

N'estes ermos quietos, taciturnos,
Sente a alma celeste infiltração...
Eu presinto da morte o labio frio
Lutulento beijar-me o coração.



TENTADORA

Ao vêr belleza tão rara,
Que pintor a copiára
Com seus magicos pinceis ?
Hombros que a volupia trahem,
Onde os cabellos te cahem
N'uma cascata de anneis !

Tuas formas são mysterios
Vivos, sublimes, ethereos,
De um condão original.
Para poder desenharte,
Devêra o pincel da arte
Ter a téla do ideal,

O olhar translucido, quente,
A derramar no ambiente
Seu electrico fulgor,
E' como um astro que instilla,
Do fundo de uma pupilla,
Um pensamento de amor.

Quando fallas, o céu canta
Por tua bocca que encanta,
De um talisman ao poder ;
Vermelhas e tentadoras,
Duas petalas sonóras
Parecem teus labios ser.

Mulher languida e formosa,
Não tem a sylphide airosa
O talhe do corpo teu :
Cinzel de ignota magia,
No marmor da phantasia,
As formas de anjo te deu.

LOUCO SUBLIME

“ Aventureiros das ondas,
Que correstes longes mares,
Não vistes de um mundo os lares
Que Deus assentou além ?
Nem acaso vos fallaram,
Pela voz das grandes vagas,
Os genios d'aquellas plagas
Que fallar commigo vêm ?

Se da morte o sorvedouro
De vós entreabriu-se perto,
Não vistes um porto aberto
Na extrema clara do céu ?

Na hora em que a náu soberba,
Se humilha, e, quasi de rastros,
Vae, rendida pelos mastros,
Entregar-se ao escarcéu?

E' lá, n'aquella penumbra,
Caminhando ao occidente,
Que a sombra de um continente
Vejo boiar na amplidão;
Dominando as cordilheiras
Das interminas paragens,
Vôam as aguias selvagens
Dos ventos no turbilhão."

Depois que o louco fallara
Disseram todos: — "mentira!
São visões de quem delira,
Que utopias só contêm!..."
Erguendo a cabeça olympica,
De vilipendios cercada,
A' multidão desvairada
Responde o louco: — "pois bem!"

Doeu-lhe tamanho ultrage
De requintada torpeza...
Que val de um astro a grandeza
Do mundo no vil proscenio?

Senhor Deus, porque é que escondes,
Como em fundo subterraneo,
Sob a cupola do craneo
O reverbéro do genio?

Desgraça, porque disseste
Ao genio: — “serás meu filho!”
E as fronteas cheias de brilho
Cobres de escuros labéus?...
N’esses maldictos sublimes
Em que teu dominio expandes,
Ah! nessas almas tão grandes
E’ que condensa-se Deus!

E, como seguia o Mago
Branca estrella do Levante,
O louco seguiu avante,
Affrontando o céu e o mar...
Quem sabe? — se voltaria
Da gloria na summidade;
Se a foice da tempestade
Nova mésse iria dar...

E corria a caravela
De rijos ventos batida,
Arcando em lucta renhida
E as vagas deixando após!

Sem temer, da natureza,
Ver por entre os cataclysmos,
Na garganta dos abysmos
A deglutição dos sóes.

Da noite nas horas tardas,
Quanta vez seu pensamento,
Nos braços do desalento,
Deixou-se esvair n'um ai!...
Porem aos nautas da idéa,
Do progredir na viagem,
Quando esmorece a coragem,
O mar lhes diz: — “caminhae!”

Um vulto surgia ao longe,
E a marinhagem pasmava;
Como que então hesitava,
Prêsa de estranha alegria,
Se era a terra que mostrava-se
Por sob um céu tão risonho,
Se eram as formas de um sonho
Entre as brumas da utopia.

.....
.....

A terra a mais e mais crescia no horisonte;
E a purpura da aurora avermelhava um monte.
A náu pôde aportar. O louco em uma ilha
Achára o ideal de excelsa maravilha.
O mar calára então das vagas o ribombo.
O louco... esse immortal chamava-se Colombo.
Causára á humanidade assombro bem profundo
Ver quem não tinha pão enriquecer o mundo!

MIRAGENS

Oh barcas enfunadas
Ao sopro do delirio,
Que ides desnorteadas
Ao porto do martyrio;

Edenicis imagens
De ignota poesia,
Passae, passae, miragens
Do mar da phantasia.

Bando de estrellas magas
Cahindo silenciosas,
Nas transparencias vagas
Das noites vaporosas,

Vós sois as aureas scismas
De casta idealidade,
Brincando sobre os prismas
De minha mocidade.

Oh illusões queridas
De meu sonhar ethereo,
Sois lagrymas perdidas
No antro de um mysterio !

E eu que tanto amei-vos
Os limpidos fulgores,
Nos candidos enlevos
De mysticos amores ;

Agora tenho a magua
A calcinar-me o seio,
E peço a gotta d'agua
A exaurido veio.

E pareceis-me, errantes
Em vossa mudez tragica,
Os frios cambiantes
De uma lanterna magica.

Em vós circumvagando
O meu olhar extremo,
Murmuro-vos, chorando,
O triste adeus supremo.

Feliz de quem um dia
Hauriu nectar divino,
Sem ter provado a lia
Do calix do destino !

O CARCERE

O carcere não é aonde se redime
Sómente a perversão de quem commette o crime;
A's vezes se converte em um abrigo sancto
Por sobre o qual estende o Omnipotente o manto:
Debaixo de seu tecto, em longa penitencia,
Encontra-se tambem a imagem da innocencia.
Alli nem sempre escuta o pobre condemnado
O ecco do remorso a repetir: — malvado!
Tambem a voz escuta — a voz do coração —
Que o anima e o consola em horas de afflicção!

Nem sempre alli se dorme o somno do assassino,
Ao dobre funeral de luctuoso sino,
Tambem dorme-se em paz o somno da creança
Sonhando do futuro a mystica esperança.

O carcere é o antro onde o soluço habita,
E na friez do crime o coração tiritá.
A's vezes, ao contrario, é o degrau de luz
Por onde o martyr sobe em busca de uma cruz.
Tudo alli tem do tumulo o lugubre conspecto :
A voz não passa alem do ennegrecido tecto ;
Da consciencia o sol parece que se apága
Debaixo do pavor que o coração esmaga.
Porem o criminoso, em cujo craneo escuro
Passa como um phantasma a sombra do futuro,
De occulta mão sentindo o peso esmagador,
Em meio a atmospherá em que circula o horror,
Na consciencia tem um passaro voraz :
E' o remorso que crava as garras infernaes.

MURMURIOS

A vida é como um porto ao qual ancóra
Barca que vem do nada e ao nada volta ;
E após o curto espaço de uma aurora
O panno esfarrapado aos ventos solta.

E ai do nauta que o tufão sacóde,
Como um ludibrio do soffrer ao cumulo !
Ai de quem busca, mas achar não póde
A paz do coração na paz do tumulo !

No entanto a natureza é uma harmonia
Immensa, eterna, indefinida, sancta :
Como a estrella no céu brilha a ardentia,
E o homem vive como vive a planta.

A floresta murmura os seus segredos
Em um concerto mystico e suave ;
Das folhas ao tremer nos arvoredos,
A voz se exhala da garganta da ave.

Como as virgens na flôr dos seus encantos,
Teem tambem seu perfume as violetas...
O poeta á solidão solta os seus cantos
Como um bando de leves borboletas.

Soluça o mar seus merencorios threnos
Que o vento arrasta pela noite sancta :
Se a vida é uma canção eu quero ao menos
Cantar morrendo como o cysne canta,

DIA NEGRO

Deixei-te, e bem distante
De ti puz-me a chorar ;
Eu era o viajante
Que odeia o céu e o mar.

N'aquelle ancioso instante
Da onda ao soluçar,
Saudade cruciante
Me veio atormentar.

Não sei em que scismava.
Da brisa o beijo insonte
Meus lábios affagava,

Senti pender-me a fronte...
E a tarde se esfumava
Nas linhas do horizonte.

INSOMNIA

Dos meus sonhos nas noites perfumosas
Eu vivi de esperanças e de amor,
Mas, ai! as illuões são vaporosas...
Apagam-se na dor.

A chrysalida de oiro em que habitára
O ideal que eu perdi por uma vez,
Da fria realidade me mostrára
A severa nudez.

Abandonae-me a sós! Basta de affagos,
Tepidas brisas que subteis passaes,
A estremecer a flor azul dos lagos
Ao ecco dos meus ais!

Oh! não zombeis da mente desvairada
Das insomnias na louca solidão!
Deixae passar a lagryma arrastada
Da dor no turbilhão.

Oh! deixae-me chorar na desventura
O meu passado de alegria van!...
Eu sinto que me attrae á sepultura
Ignoto talisman.

Eu sinto a mocidade — a flôr da vida —
Na sombra se esvair, sem ar, sem luz;
Qual do Evangelho a doce arrependida
Chorando aos pés da cruz.

Não lembreis o remorso ao desgraçado!...
A mim que hoje não posso mais amar,
Não digaes: — que fizeste do passado?...
Oh! deixae-me chorar!

A' MORTE DE THIERS

Corveja ao longe funeral procella;
O sol descóra sobre os montes nus,
E vae rolando em convulsões d'estrella
Cahir no occaso amortalhado em luz.

Do mar que geme perennaes desgraças,
Um grito sóbe doloroso e fundo;
Como se Deus, para extinguir as raças,
Mandasse um raio ao coração do mundo.

O vento corre — mensageiro alado —
De zona a zona a diffundir horror;
O anjo da morte, no feral vallado,
Nações irmana em communhão de dôr.

E vae rugindo o vendaval infrene,
Enchendo o espaço de infinitos ais!
Unem-se os povos em mudêz solemne:
A campa é arca de alliança e paz.

E a França martyr se lamenta e chora...
Presae a dôr que alanceial-a vem!
Ai! juncto ao filho que ella mais adora,
— Morta — quizera repousar tambem!

O Sena dorme na friez das aguas,
Parado o curso da febril corrente:
Seu dorso enorme reverbêra maguas,
Qual face vitrea de um paúl dormente.

Dos tristes Alpes sobre o valle fundo
Correm as sombras de um sudario enorme...
Bastam, talvez, para envolver um mundo
As largas dobras d'esse crépe informe.

França, que ha pouco te elevaste heroica,
Alto, tão alto como o rei dos Andes!
Serás ainda no martyrio estoica;
Ai França! ai berço de utopias grandes!

Tinhas o facho das idéas novas,
E até o progresso te seguia os rastros;
Um filho tinhas que não mais renovas;
Colosso estranho: — amesquinhava os astros!

.
.

Que resta agora que elle desce á terra
Onde descansam seus irmãos sepultos?...
Honrando á patria que seu nome encerra,
Sagrae-lhe altares, consagrae-lhe cultos!

INSCRIÇÃO EM UMA MONTANHA

N'este monte que o tempo em vão consomme,
E onde inculta flôr a custo medra,
De minha amante deixo o lindo nome,
— Doce harmonia burilada em pedra

EM CAMINHO

Adeus, oh serrannas,
Formosas, trigueiras;
Cantae-me tyrannas,
A' luz das fogueiras!

Sois ouro acendrado
De inculta belleza:
Perfil delicado,
Gentil singeleza.

Dos astros os brilhos,
Nos céus do sertão,
Inspiram idyllios
De muita paixão.

Cercado de brumas,
Desfolha o luar
Grinaldas de espumas
Dos anjos do mar.

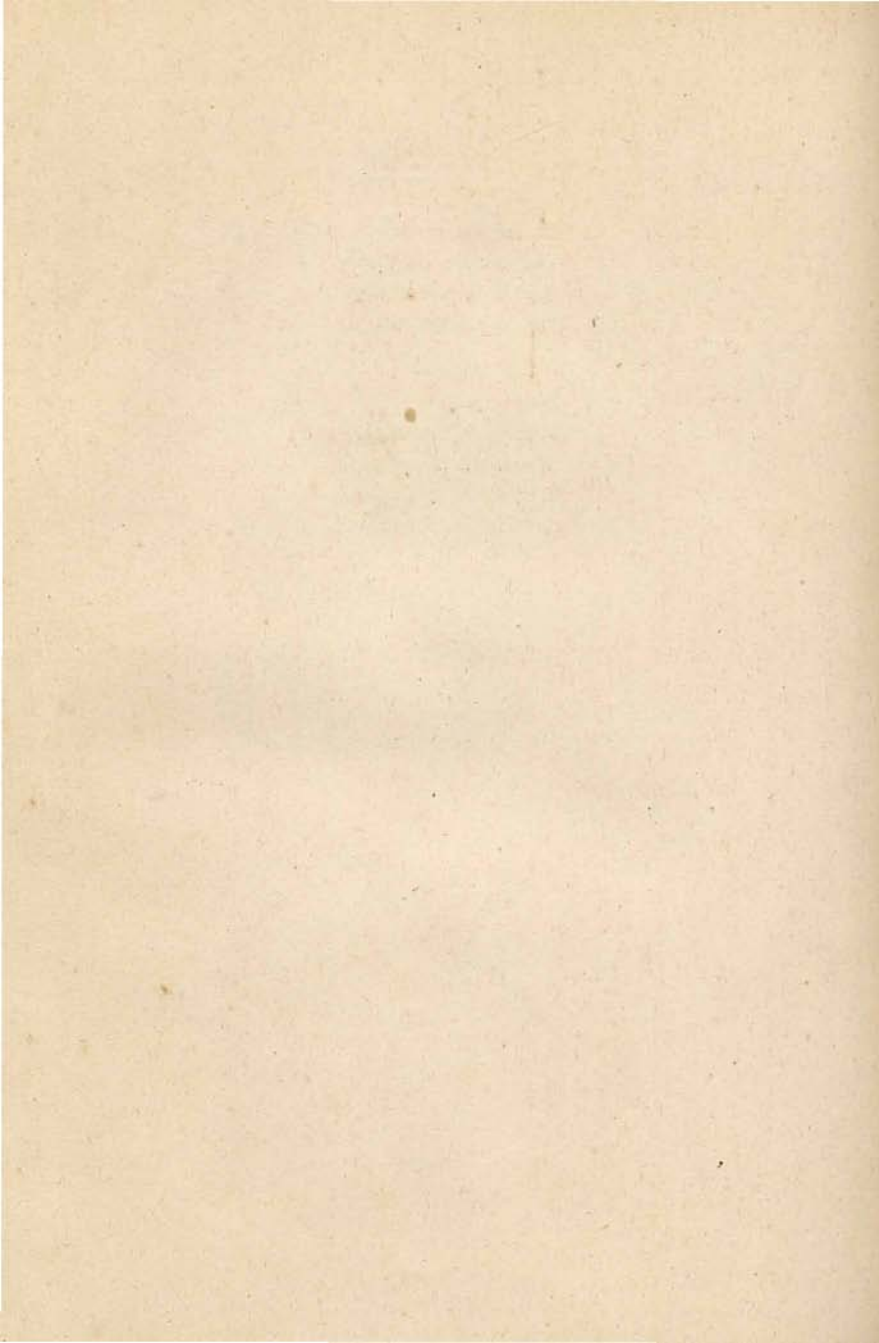
Na fóz dos desertos
Marulha a cascata;
E os ventos incertos,
No fundo da matta,

Erriçam na hora
Calmósa das séstas,
A juba sonóra
Das grandes florestas.

Eu amo esses prados,
A' sombra dos montes,
Que viçam banhados
Dos prantos das fontes.

Eu amo a florinha
Dos campos da aldeia,
Que a brisa acarinha,
Que a lua prateia.

Adeus, oh serrannas,
Formosas, trigueiras;
Cantae-me tyrannas,
A' luz das fogueiras!



A UM ORADOR E POETA

Eleva-te e domina as miseras grandezas
Do mundo, que não pôde, em suas estreitezas,
Conter quanto ha do céu nos pensamentos teus;
O genio a purp'ra tem de sancta fidalguia,
E são os seus braços de excelsa hyerarchia
Assellados por Deus.

O verbo teu commove e incendeia a calma,
Deixando uma cratera aberta em cada alma.
Dualidade immensa em que se transfigura
De Cicero e de Homero a olympica estatura,
— Fatidica união: poeta e orador:
Alma feita de sol e coração de flor!

O PYRILAMPO

Brilhae, brilhae, pyrilampos,
Limpidas joias nocturnas;
A noite abriu sobre os campos
De seus thesouros as urnas.

Das selvas no verde manto
Não te extasias de vel-os,
Quando estrella-se o meu pranto
Na noite dos teus cabellos?

Pois escuta, quando passa,
No vôo tremulo, incerto,
Pyrilampo de luz baça,
Estrellinha do deserto;

Pergunto: — da flôr o seio
E' o ninho em que tu te acoitas,
Do vendaval com receio,
Lanternasinha das moitas?

Acredita: eu tenho dô
Do infeliz peregrino,
Que percorre, triste e só,
Seu ephemero destino.

Nas florestas do sertão
O pyrilampo vagueia,
Qual genio da solidão
Que de noite phosphoreia.

No vôo subtil tem a aza
Que lhe empresta a phantasia,
E para brilhar se abraza
No fogo de uma ardentia.

O POETA

Na jaula das selvas sentindo-se escravo
Rugido medonho soltára o leão,
Bem como se acaso no peito do bravo
Cratéra estalasse de acceso vulcão.

Os montes, na aresta de enormes barrancos,
Tremeram erguidos no seu pedestal,
Talvez que batesse seus tumidos flancos
A clava invisível do genio do mal!

Corria nos ares fatal pesadêlo,
A terra gelava mudez tumular,
A noite era um antro cercado de gelo,
E os astros dormindo cahiam no mar.

Entanto vagava n'aquella paragem,
Mais mudo que a terra, mais frio que a noite,
Romeiro perdido de ignota viagem,
Sem ter nos desertos aonde se acoite.

Quem é que sabia de que astro elle vinha?
E o triste a que portas iria bater?
Sua alma profundos mysterios continha,
E n'ella o infinito podia caber.

Chamaram-no — genio; chamaram-no — louco;
Viveu de utopias, — loucura do céu!
Passou e sumiu-se: cahiu dentro em pouco
Nas fauces hiantes de negro escarcéu.

Aureola de martyr a fronte lhe cinge,
Possue do destino funesto condão;
Da vida nos trances, a dôr — essa esphinge,
Suspende nas garras o seu coração.

Passou qual bacchante de orgia encantada,
Gastára um thesouro de crenças celestes,
Foi pobre na terra de vícios manchada,
Trocou por andrajos as candidas vestes.

Foi alma tão funda que embalde se a sonda;
Jamais o interesse domára-lhe os brios...
Foi alma fecunda:—foi luz e foi onda:
Brilhou com os astros, correu com os rios!

DOIS ECCOS

— Quem és ? oh visionario, oh louco peregrino !

— Eis tudo quanto sou : cadaver do destino.

— Não tens uma illusão ?

— Minha alma só tem fel.

— E teu amor ?

— Foi impio e lugubre cartel

De affronta arremessado ao turbilhão da sorte.

— Tão pallido que estás !

— E' a mascara da morte,

Que vela-me o perfil da alvura de alabastro.

— Mas vejo-te da frente irradiar um astro !

Embala-te algum sonho ?

— Eu tenho a nostalgia

Do tumulto... talvez que sonhe uma utopia.

— Pagou teu pranto á insomnia o tributario preto ?

— Meu pranto se incrustou nos antros de meu peito.

— A vida não sorriu-te ?

— ... Esphinge de terror.

— Que tens no coração ?

— A fibra eterna — a dôr!

OS ILLUMINADOS

São elles os heróes... Maldictos do destino,
Agita-lhes a alma um fremito divino :
Sentem de occulta força o ignoto talisman,
E iniciam hoje aquillo que amanha
Deus realisará. São elles os prophetas
Que sobre as multidões, ondas irrequietas,
Fazem soprar da idéa o rijo vendaval,
Qual turbilhão de sóes em célere espiral ;
E extrahem, deslumbrando a viva geração,
Das minas do passado o ouro da tradição.

Mensageiros da luz, não sentem na jornada
A alma esmorecer, de raios infiltrada ;
Romeiros do porvir, caminham como Ahasvero,
Mas têm de Deus, na frente, o sancto reverbero.
Sacerdotes do bello, apóstolos do justo,
Quaes cedros colossaes n'um areial adusto,
Mata-lhes a raiz a terra que se inflamma,
E os astros, lá no céu, descançam-lhe na rama.

E' essa do ideal a pleiade pujante :
E' Byron e Hugo e Shakespeare e Dante..
Dizer-se-lhes o nome importa muito pouco :
A quem Deus fez — um genio, o mundo chama — um louco.

Nasceram para a lucta: heróes do pensamento,
Não morrem, porque a morte, o maximo tormento
D'aquelles cuja vida enfeitam illusões,
— Miragens do destino, esplendidas visões! —
Para elles é o altar da sagração augusta,
Aonde a alma viril, de tempera robusta,
Sente, ao transfigurar-se, em meio a immensidade,
Que tem por capitolio a propria eternidade.

Dilatam a sciencia ao sopro das verdades,
E espalham no universo enormes claridades ;
Parecendo verter de constellada esphera
Fluctuações de luz de um cháos na atmosphera.

Resurgem, muita vez, de um seculo imprevidos,
E ás novas redempções vão ser os novos Christos;
Proclamam da Egualdade as sacrosantas leis,
E a dupla maldicção dos povos e dos reis
E' o que elles têm ao fim do estoico sacrificio.
Mas não podem parar; sobre a aridez do vicio
Semeiam a virtude austera e salutar.
Somnambulos do céu, — vivem para sonhar
O ideal supremo, olympico painel.
Em que se vêem passar — phantastico tropel —
As fórmãs do sublime: os fulgidos relevos
De tremulas visões em mysticos enlevos!

Subindo ás regiões que não alcança a vista,
E aonde cada passo assigna uma conquista,
Após sanctificar da redempção o verbo
Nos trances de um soffrer descommunal e acerbo;
Fazendo do martyrio uma religião,
E convertendo a dôr do genio no brazão,
Oppoem, sem recuar, seu vulto colossal,
A's irradiações satanicas do mal.
Por isso é que o presente os vota ao ostracismo,
A elles que do ventre escuro de um abysmo
Fazem jorrar a luz, — esplendido embryão,
Chrysalida da aurora occulta á multidão!
— Aurora do porvir, aurora da verdade
Que ha de regenerar a nova humanidade.

Que importa, ainda hoje, os chamem visionarios,
Em sua rotação de vultos cometarios?...
Quem é que ao céu se eleva, em tantos esplendores,
Como elles, ao bater das azas interiores?!

Quem é que do porvir sonhando as epopéas
Faz circular no mundo um turbilhão de idéas?!

.
.

Mas escutae : o mundo, em tenebrosa orgia
Consagra a quanto é grande o nome de utopia.

INVOCAÇÃO

Visão do paraiso,
Por eternal sorriso
A bocca illuminada,
Oh peregrina fida,
De flores revestida,
De sonhos coroada!

Oh anjo que me acenas,
Lustrando da aza as pennas
Ao sol da phantasia;
E vertes mil segredos
Na harpa dos arvoredos,
Oh sancta poesia!

Oh mixto sacrosancto
De morbidez, de encanto,
De amor e de lyrismo;
Em extase enlevado,
Como o spirito alado
De Deus sobre o abysmo!

Arroja-me a alma escura
De tua luz tão pura,
No vivo turbilhão!
Verge nos meus amores
Os celicos verdores
De flórida estação!

NAS SELVAS

Musa das solidões, que tens o seio aberto
A quem, sobre a aridez extensa do deserto,
Busca embalde uma tenda aonde pernoitar,
Eu vim tambem bater ás portas de teu lar!
Tu que tens por vassalla a brisa do vergel,
Por throno uma montanha á sombra do docel
Do trópico, nas mãos o sceptro do ideal,
E os rios a teus pés quaes hydras de crystal,
Penetra-me da seiva ardente a borbulhar
Nas ramas do ipê, nas fibras do jaguar;
Empresta-me o condão de mysticos encantos
Das harpas triumphaes dos arvoredos sanctos.

De tua inspiração á celica magia,
Cada arvore traduz diversa melodia;
De fórma que o rumor inteiro da floresta
Trôa pela amplidão, — multisonante orchestra!

A's vezes eu pergunto, a meditar commigo,
No descampado a sós, da noite ao desabrigo:
— Que musica inaudita é essa que povôa
Dos ares o deserto onde o silencio vôa,
Qual passaro de sombra, arauto das tristezas,
Correndo do infinito as tetricas deyezas?
Dos espaços sem luz em meio os cataclysmos,
Que mão vos dedilhou, theorbas dos abysmos?
Que apostolado é o vosso, oh rochas de granito,
— Mitras da solidão, tiaras do infinito?...

Apenas o silencio opaco e tumular
Na tenue cerração campeia sobre o mar;
E vejo, do amplo azul na vaga transparencia,
De uma constellação a enorme reticencia.
Nas selvas Deus entorna em fluidqs borbotões
Philtros celestiaes nos tristes corações;
Da eterna primãvera aspira-se o verdor,
Sente-se a alma crescer e desbordar de amor.

.....
.....

Calaram na amplidão latidos musicaes
Dos ventos da montanha uivando aos matagaes.
Deixae-me prescrutar, da grande paz na hora,
Nas entranhas da noite a gestação da aurora ;
— Enquanto o plenilunio estende pelo ar
A tunica de luz d'este centauro — o mar,
E, morbido, prateia, alem da moita espessa,
Do cedro secular a livida cabeça.

No teu profundo asylo, oh sancta solidão,
Eu sinto no meu ser de Deus a infiltração!
E posso então medir, aos olhos de poeta,
A rotação da idéa em gyro de cometa ;
E contemprar o genio, errante, solitario,
Estrellas difundindo em vasto itinerario,
E fazendo-as correr em turbilhão disperso :
— Circulação da luz nas veias do Universo!

INGRATA

A minha namorada
Que em sonhos enfeitiça,
E n'elles sobrenada,
— Imagem movediça;

Cujo riso consóla
Minha paixão insana,
E até me desmióla
A cava craneana;

Não crê no que lhe digo,
Nas juras que lhe faço,
E diz-me que a persigo,
E nega-me um abraço.

Se acaso lhe confesso
Que morro de paixão,
Responde em tom avêso
A' boa educação.

E diz-me : " então tens febre
Só de pensar em mim?...
Que importa-me se quebre
Um vaso tão ruim?... "

Mas eu que sou captivo
De quem tão mal me trata,
Cobardemente vivo
A' plantas d'essa ingrata.

Nem sei mesmo o que faça
Para agradar-lhe mais...
Já vivo, por desgraça,
Rimando intimos ais.

De meu peito ao calor,
Eu sinto-a sempre fria;
Do céu do meu amor
E' a lua doentia.

E é essa a virgem calma
Em que alta noite scismo;
Por ella é que minha alma
Trasborda de lyrismo.

AHASVERUS

O sol dobrava o occidente
Sob o véu crepuscular,
Resvalando na tangente
Em que o céu encontra o mar;
Emquanto a noite sombria,
Como a divina elegia
Do silencio e do terror,
Das ondas á vitrea face,
Vinha, ao fremito fugace
Das bonanças do Senhor.

E cada monte encoberto
Entestava no infinito,
Como monge de deserto,
A tiara de granito,
Frio terror, que emmudece,
Pelos ares corre, cresce,
De um genio na aza veloz ;
E o cedro, olhando na alfombra,
Tremia da propria sombra
Qual da sombra de um algoz.

N'aquellas horas tão méstas,
De tão sublime tristeza,
Quando ao templo das florestas
Se recolhe a natureza ;
Pareciam as estradas
Longas serpentes deitadas
Da solidão na mudez...
E o ar apenas vibrava
Se o Mar-Vermelho estoirava
Sobre as pedras de Suez.

Pelas devezas distantes
Gemem vozes melancholicas :
São as lagrymas vibrantes
Das tristes harpas eolicas.
N'aquellas ermas paragens,

Do velho Euphrates nas margens,
Perpassa extranho rumor :
E' o vento que inda murmura,
Como threnos de amargura,
Os carmes do rei-pastor.

Alem, no fundo da mata,
Destrança-se esguio veio,
— Sonóro fio de prata
Minando da terra o seio.
Sombrio, mudo, arquejante,
Se approxima um viajante
De funérea lividez ;
Nós antros do firmamento,
“ Quem és ? ” — pergunta-lhe o vento,
E o rio acóde : “ quem és ? ”

Ostenta aparente calma,
Mas fogo lento o calcina ;
Lá no fundo de sua alma
Ruge a colera divina.
O remorso que o opprime
E' satellite do crime,
E' parto da maldicção !
Na longa vida inquieta,
Traz como que uma grillheta
Chumbada no coração !

E por todos os caminhos
Em que o vulto perpassava,
O cardo cheio de espinhos
Por sob os pés lhe medrava.
Se os passos então detinha,
Bradava o vento: — caminha!
E o rio: — foge d'aquí!
E debalde o forasteiro
Dizia ao surdo pampeiro:
“ Sou da tribu de Levi!

“ Sou Ahasverus! dae-me um pouso;
Eu partirei amanha...
Uma hora de repouso
Para o filho de Nathan!...
Do deserto ao desabrigo,
Não sejaes meu inimigo,
Oh Condemnado da cruz!
Amiserae-vos da sorte,
Senhor, de quem, pede a morte,
A' mingua de vossa luz.”

Todos lhe fogem da trilha,
E d'elle passam distantes,
Qual de viva mancenilha
De venenos fulminantes...
Sem achar quem o conforto,

Segue o proscripto da morte
O itinerario sem fim;
E restruge a noite espessa
A cingir-lhe na cabeça
A corôa de Caim.

Caminhar sem ter guarida,
Tal é o destino seu;
Preso ao Caucaso da vida,
Ser da morte o Prometheu.
A dôr é o eterno abutre
Que de seu sangue se nutre,
Sem jamais se saciar...
Oh! não morrer, ser eterno,
E' ter dentro em si o inferno
Fibra por fibra a queimar.

Segue alem o peregrino,
Maldicto por onde passa;
Morde-o a serpe do destino,
O fel desborda-lhe a taça.
Provou todos os venenos,
Seguindo ignotos acenos,
Vae caminho de Carmello;
Nem pôde dormir nos prados
O somno dos desgraçados,
Um somno de pesadêlo!

E longe, longe seguiu,
E mais longe se perdeu ;
O raio do céu cahiu,
Porem elle não morreu.
Já o sol, nascendo, listra
A face opáca e sinistra
Da montanha oriental ;
Do sacrificio arde a chamma
Nos pagodes do deus Brahma,
E nos altares de Baal.

E um dia passa outro após,
E desce um sec'lo ao occaso ;
Emquanto elle segue a sós
Do Carmello ao Chimborazo.
Forasteiro em todo sólo,
Andou nos gelos do polo,
E nos fogos do equador ;
Das tumbas nas argamassas
Viu o pó de muitas raças,
Sem nunca tremer de horror.

Cançado de caminhar
De um monte ao pendor subiu ;
Embalde atirou-se ao mar,
O mar a praia o cuspiu...
Não morre entre os cataclysmos,

Nem na bocca dos abysmos,
Nem nos dentes dos rochedos;
A dôr que a alma lhe devasta
Que o oceano é mais vasta,
Tem mais profundos segredos.

Respira da morte o effluvio
No farejar da panthera,
Mas não morre... Do vesuvio
Sóbe á rubida cratera:
Então ahi, sem receio,
Se arroja do pégo ao seio,
— Entranhas em combustão...
E, como um fêto maldicto,
E' regeitado o precito
Pelas fauces do vulcão.

Sempre n'alma a dôr lhe cresce,
Mais intensa e mais sombria;
E' elle quem ceifa a mêsse
Pelos campos da agonia.
Vê dos sec'los as ossadas,
No silencio amortalhadas,
Como mumias colossaes;
A seus olhos se levanta
A historia — a arca sancta
Dos diluvios sociaes.

Ouviu do deserto a orgia
Na orchestra das solidões,
Quando a noite sacudia
O leque das virações ;
Emquanto as nuvens, em troço,
Formam no ar um colosso
De formas brutas, estranhas,
E, descendo bruscamente,
O raio acceso, candente,
Bate á porta das montanhas.

Cilicio que a alma constringe,
O remorso o lancinava...
Viu o Egypto—immensa esphinge
Chorando prantos de escrava.
Viu Roma posta no throno ;
Viu-a no pó do abandono,
Dobrando ao chão a cerviz ;
Quando já nem mais a doira
O incendio,—qual trança loira
Em hombros de meretriz.

Debalde quiz não ser visto,
Do destino na inclemencia ;
Mas tinha o olho de Christo
Aberto na consciencia...
N'essa agonia, comtudo,

Achou n'outra alma o escudo
Que a alma sua abrigou :
Beberam na mesma taça
O fel da mesma desgraça,
E o mesmo raio as queimou.

“ Já que ao seio de Rachel
Não batestes embalde, tu,
Sedento como Ismael,
Faminto como Esaú ;
— Disse Deus : — stá terminada
Tua infinita jornada,
O teu pesadêlo atroz...
Eu transponho a immensidade,
E commigo, á eternidade,
Levo um enxame de sóes.”

E n'aquella hora funérea
Do grande desmembramento,
Em que aos antros da materia
Desce a aguiá do pensamento ;
E o céu medonho se arqueia
Sobre a terra, onde campeia
O nada — estranha visão !
Era a creação inteira
Como um pouco de poeira
Que de Deus cabe na mão!

MELANCHOLICA

Nas horas em que eu scismo,
Ao vêr-te melancholica,
Na tua dôr me abysmo.

A brisa quando passa,
Em melodia eolica,
Soluça uma 'desgraça.

E tu, visão dormente,
Espraias languorosa
A solitaria mente.

Pergunto por teus males,
E occultas, melindrosa,
O intransitivo calix.

A tua magua escondes!...
A mim que te deprêco
Porque é que não respondes?

O teu soffrer é sancto!
E' voz que não tem ecco!
E dôr que não tem pranto!

TUA CARTA

A carta que me escreveste,
Tão verdadeira e tão triste,
Foi um beijo que me deste,
Uma aurora que abriste.

Tuas palavras singelas
Inspiram sonhos de amores...
São como um bando de estrelas,
Ou um punhado de flores.

Porem trahe tua descrença
O teu estylo tão frio:
Cada lettra foi suspensá
D'uma lagryma no fio.

Se tua alma tem ciume
Do coração dos poetas,
Deixa que aspire o perfume
De tuas noites quietas.

ESPARTACO

*Il faut avouer que de toutes
les guerres, celle de Spartacus
est la plus juste, et peut-être
la seule juste.*

VOLTAIRE.

Titans da historia, colossaes portentos,
Vultos heroicos das passadas eras,
Que demolistes, ao rugir dos ventos,
As regias grutas das feudaes pantheras ;
E que hoje tendes altos monumentos,
Onde da fama estoiram as crateras,
Legando ás multidões vossa memoria
Sobre esses troços de granito e gloria!

Vós, cujos nomes trôam pelo mundo,
Ao brado das humanas redempções;
Vós que desceis dos seculos ao fundo,
E clareaes o tecto das nações,
De luz vertendo um borbotão fecundo;
Oh capiteis de extinctas gerações,
Que abristes, redimindo a humanidade,
No chão do erro o sulco da verdade!

Vós que dobraes do tempo o promontorio,
E, barra dentro, á eternidade entraes;
Que transpondes, qual marco divisorio,
Do infinito os esplendidos humbraes,
E, subindo dos sec'los ao zimborio,
A propria apotheose contemplaes;
Vós que sois do diluvio como a pomba
Das edades que passam na hecatomba!

Alas abri ao martyr do destino,
— Bacchante expulso dos festins da idéa,
Que rojara, andrajoso peregrino,
Da escravidão a secular cadeia,
Como se fôra um tragico assassino
Seivando em crime a barbara alcatéa...
Dae-lhe um logar: a tradição o acclama
No templo pantheonico da fama!

Seu nome... perguntae-o á Liberdade,
Que escrevêra, do sangue nos annaes,
A lenda da sublime heroicidade
De quem por ella succumbit audaz...
Ella ensina á futura humanidade,
Ao clangor das trombetas sideraes,
Que esses nomes gerados nas procellas
Rugem no espaço—furacão de estrellas!

Espartaco é o verbo redivivo
Que das campas subleva legiões;
— Reverbéro da alma do Deus vivo
Illuminando a fronte ás multidões...
Fôra loucura agrilhoar—captive—
O apostolo das sanctas redempções,
Companheiro de homericos heróes
Das excelsas Iliadas dos sóes.

Quantas vezes do archanjo dos combates
Elle invocára o gladio vingador,
Quando a alma sacudiam-lhe os embates
Das rajadas candentes do valor!..
Aclara sempre a méta dos resgates
Um raio do porvir deslumbrador,
Golfejando nos antros do passado
O prometheico fogo ao céu roubado.

Quiz dar á Liberdade templos novos,
E tragára-o estranho cataclysmo,
Mas hoje as gerações — ferteis renovos —
De seu sangue illuminam-se ao baptismo!
Como se para aureolar os povos,
Das entranhas cahoticas do abysmo,
Praticasse da luz a eventração
Do proprio Deus a fecundante mão.

Quando de Roma o crime torvo, insano,
A purpura da aurora ennegrecia,
Espartaco, — esse braço sobrehumano
Que o sangue da bravura intumescia, —
Pretendeu arrancar do peito humano
Os gryphos do dragão da tyrannia!
De um vôo muito grande eram ensaios...
Fecha-lhe o nome um circulo de raios!

LEITURA NO DESERTO

*I linger yet with Nature, for the night
Hath been to me a more familiar face
Than that of man; and in her starry shade
Of dim and solitary loveliness
I learn'd the language of another world.*

BYRON.

Quero ouvir do deserto o sancto idyllio ;
O céu, qual urna a transvasar de brilho,
 Perfuma a solidão.
Dos bosques sob o tecto sussurrante,
A natureza dorme deslumbrante
 Ao sopro do verão.

Fluctua pelo ar vago murmurio,
Geme o vento nas frestas do tugurio,
— Asylo do pastor ;
Labios occultos estridulam beijos,
Vaporisam seraphicos desejos
Os corações em flor.

Cobrejante riacho vae fremente,
Desatando-se em rapida corrente
De fulgidos crystaes.
Dissereis que de lagrymas um fio
Formava o borbotão d'aquelle rio,
Nos invios matagaes.

Pragueja o mar cyclopico lamento,
Como um louco carpindo ao firmamento
A eterna viuvez.
Estrellas em fusão — as ardentias
Vêm esmaltar o dorso ás penedias,
E cahir-lhes aos pés.

Azues phosphorecencias peregrinas,
Os pyrilampos brilham das campinas
No manto virginal.
Sobre o mar que braceja nas areias,
Languidamente embalam-se as sereias
Nos berços de coral.

Adoro a natureza em desalinho,
Quando alegre desfia o passarinho
 As perolas da voz...
Ella é mãe que, no seio tão fecundo,
Egualmente procrea o verme immundo
 E o embryão dos sóes.

Quando se apagam, sob os céus brumosos,
As nuvens, quaes farrapos luminosos,
 Já da tarde no fim;
N'alma entorna-me um extase celeste
A voz da noite, como uma harpa agreste,
 Dos ermos no festim.

Aqui do ideal a seiva pura
A' poesia esplendida satura
 De magico verdor;
Deus concede ás paixões um desafogo,
Queimam-me o labio as syllabas de fogo
 D'esta palavra — amor.

Dos meus vinte annos que nos céus rutilam,
Dos céus que aos astros perennaes asydam
 Incendem-me os clarões:
Eu sinto illuminar-me a mésta fronte
O ethereo azul de duplice horisonte,
 Da alma nas combustões.

Eu sou teu filho, oh sancta natureza,
Que tens no coração a estrophe accesa
Do hymno tropical ;
E cinzélas' phantasticos poemas
Nas estrellas que giram — vivas gemmas
Em eixos de crystal.

Por isso busco á noite o teu regaço
Para acolher o maternal abraço,
Comtigo o pernoitar.
Eu leio e scismo, phantasio e amo,
Em teu silencio, quando nem um ramo
Estremece no ar.

Apraz-me lêr sentado sobre um monte,
Ao luar que povôa o horizonte
Dos esplendores seus:
Do livro muita luz se desentranha...
Eu quero lêr : — o livro é uma montanha
D'onde avista-se Deus!

OS REVOLUCIONARIOS

DE MINAS

Vêde a raça de colossos
D'este sólo americano :
São olympicos esboços
De algum grupo eschyliano.
Nenhum delles, no supplicio,
A altura do sacrificio
Inveja dos Prometheus ;
E' que esses heroes gigantes
São cabeças culminantes
Que se approximam de Deus.

Ah! do phantasma da sorte
Nada importa o olhar escuro!
Das eminencias da morte,
Quem não diz: — “viva o futuro!?”
Quem não vê, nos firmamentos,
De estrellados pensamentos
Enorme gravitação?
E, da gloria na refréga,
Quem á vida inda se apéga
Quando a morte é sagração?

Em que molde de cometa
Fundiriam-se almas taes?
Que tocam tão alto á meta
Das gerações immortaes?
Do martyrio na epopéa,
Succumbiram pela idéa,
— Crucificados da luz!
E' que os seres cometarios,
Nas pedras de outros Calvarios,
Seu sangue vertem a flux.

São elles que ás tyrannias
De maldicções vêm ungir...
— Sonhadores de utopias!
— Millionarios do porvir!
Foi Deus que os predestinára,

Quando a alma lhes dilatára
Aos effluvios do ideal ;
E hoje, a posteridade
Contempla-os — da Liberdade
Como o grupo triumphal.

Ramos de um cedro divino
Porque não pôdem vingar ?...
Ai! os raios do destino
Bem cêdo os vêm fulminar !
Porem, mais tarde, apparecem
Essas almas que estremeçam
Do porvir ás convulsões ;
Então, a historia as acclama,
No capitolio em que a fama
Distribue as sagrações.

FIM

INDICE

	PAGS.
Introdução	VII
Hugo em Jersey	3
As creanças	9
Tiradentes	11
O sylpho	15
Flores de um dia	19
Minha amada	20
Ignota Dea	23
Amor de pae	25
Ave Maria	27
Musa consolatrix	29
Sempre Ella	31
La rose et l'amour	33
Meu anjo	36
E' tarde	57
O engeitado	39
Uma sombra	41
Confissão	43
O missionario	45
Juncto de uma creança	50
No ermo	63
Confidencia	57

Epitaphio	59
Longe	61
Apparição	63
Lembrando-me de ti	65
Lacrimæ Rerum	67
Amarguras	69
Ubirajára	73
Teu nome	79
Os abandonados	81
A Castro Alves	83
Ao instituto dos academicos	87
A orphan	89
Primaveras	93
A officina	97
Morrer de saudades	99
Ao pé do berço	103
Ton regard	105
Amei-te !	107
O cemiterio	109
Tentadora	113
Louco sublime	105
Miragens	121
O carcere	125
Murmurios	127
Dia negro	129
Insomnia	131
A' morte de Thiers	133
Inscrição em uma montanha	137
Em caminho	139
A um orador e poeta	143
O pyrilampo	145
O poeta	147
Dois eccos	151
Os illuminados	153
Invocação	157
Nas selvas	156
Ingrata	163
Ahasverus	167
Melancholica	177
Tua carta	179
Espartaco	181
Leitura no deserto	185
Os revolucionarios de Minas	189

